



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AFONSO, Rubens. **Escuta, Zé ninguém!** e o poder do amor. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2005. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## ESCUA, ZÉ NINGUÉM! E O PODER DO AMOR

Rubens Afonso

### Resumo

Este artigo traz o desabafo lúcido e corajoso de Wilhelm Reich em seu maravilhoso livro *Escuta, Zé ninguém*. O livro foi escrito em 1946, é um texto humano, resultado de longos anos de trabalho e experiência, que levaram o autor à consciência de que forma o homem comum se submete ao poder dominador e as conseqüências funestas desta submissão, que leva o indivíduo a um sofrimento profundo. Fala também do amor e de seu poder transformador, quando o indivíduo eleva o seu sentimento mais profundo de fé, podendo sair da condição de Zé Ninguém para viver como um indivíduo saudável e feliz.

**Palavras-chave:** Amor. Fé. Submissão. Transformação

---

*Escuta, Zé Ninguém* foi um título de um livro escrito por Wilhelm Reich (1897-1957) em 1946, onde denunciou o quanto de Zé Ninguém tem cada um de nós. Vale a pena lembrar que este não era o pensamento dele sobre o ser humano, mas como somos conduzidos a pensar e agir por todas as agências de controle que nos cercam, como por exemplo: família, religião, lideranças políticas, movimentos de massas, educação escolar, televisão, etc... nos impedindo de caminhar com as nossas pernas e conduzir a nossa vida.

Mas afinal, o que Reich queria que o Zé Ninguém escutasse? Neste artigo vamos descrever o que era para Reich o Zé Ninguém e depois analisar as possibilidades de sair desta condição, porque Reich fez a denúncia lúcida e corajosa, e cabe a nós, amantes de sua obra, efetivar ações, colocando em prática suas idéias e suas pesquisas, e a medida que pudermos ir ampliando-as, em busca da liberdade de ser, e de se expressar.

Antes de mais nada é preciso ressaltar que *Escuta, Zé Ninguém* não é um documento científico, mas humano. Foi escrito para os arquivos do Instituto Orgone e inicialmente não tinha a pretensão de ser publicado.

Reich livro nos ensinava o quanto o poder dominador ditava as normas de conduta, escravizando-nos e nos tornando refém de uma política que nos leva ao ter e não ao ser. Cada vez mais queremos atingir objetivos onde a meta é ter, queremos ter a melhor roupa, o melhor carro, a melhor casa. O que tem acontecido é que somos prisioneiros dentro dos nossos próprios lares. Aprisionados por nós mesmos, porque não reagimos diante destas mensagens, destes condicionamentos. Deixamos nossos filhos assistindo uma infinidade de baboseiras, porque assim eles não dão trabalho. Perdemos o contato com a boa leitura, com as artes, com a criatividade e consequentemente com a natureza.

Reich dizia que o nosso futuro dependerá da maneira como pensarmos e agirmos, porém alertava que ninguém iria nos dizer isso, que ninguém tinha a coragem de dizer que nós temos em nossas mãos a condução dos nossos destinos. Por outro lado nós também nos eximimos das nossas responsabilidades, deixamos que outros assumam os nossos compromissos, os nossos deveres e assim assumem também a condução das nossas vidas e nem percebemos o quanto são mal intencionados, e só depois de muito tempo percebemos que mais uma vez fomos enganados.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AFONSO, Rubens. **Escuta, Zé ninguém!** e o poder do amor. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2005. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

O Zé Ninguém para Reich (1946) era aquele que tem medo de olhar para si próprio, tem medo de crítica, tem medo do poder que tem, e que pensa que não saberia usar, que nem se atreve a ser diferente; tem medo de ser livre e assim de torna deprimido; tem medo de ser direto e assim se torna cauteloso em demasia, não realizando absolutamente nada; tem medo de amar as claras e assim ama como um ladrão da noite.

Para Reich somos nós os nossos próprios negreiros, somos nós que nos escravizamos. E somos os únicos culpados da nossa escravatura. E que só nós podemos nos libertar.

Todas vez que buscamos ser grande, o Zé Ninguém que se alberga em nós adverte-nos da nossa estupidez, dos nossos medos, das nossas inseguranças, das nossas incertezas e mediocridade. Retornamos aos nossos bloqueios e nos apegamos ao que não deu certo, para sermos novamente o Zé Ninguém que já nos acostumamos a ser. Assim vivemos com esta dor, porque já é nossa velha conhecida, já nos acostumamos a ela, não conseguimos mais nos identificarmos sem ela. Com a dor é possível viver, sem ela temos que viver o desconhecido e pensamos então, que podemos ter uma dor maior, uma tristeza maior, uma perda maior. Não arriscamos, porque já sabemos que podemos ser o eterno Zé Ninguém, sorrindo não todos os sorrisos que podemos ter, mas somente aqueles que nos permitem ter.

Reich dizia que o Zé Ninguém estava doente, porque não tinha nada que ele tivesse mais medo do que se encarar, porém sabia que a culpa não era dele, mas certificava-se cada vez mais que era somente ele que podia se libertar desta doença.

Hoje esta doença também já foi identificada e denominada por Roberto Crema de Normose, ou seja, a patologia da normalidade, segundo Crema (2003), dentro de um fundamento sistêmico, a normose surge quando um sistema se encontra desequilibrado e mórbido. Assim ser normal significa se ajustar a patologia vigente mantendo seu status quo, independente se o que estiver prevalecendo seja o desamor, a falta de escuta, a falta de visão, a injustiça ou a corrupção.

Reich também falou dela como peste emocional. De acordo com Reich (1933,p.461), “a peste emocional é uma biopatia crônica do organismo”. Identificou-a no indivíduo, levando-o a um comprometimento emocional e físico. Esse indivíduo relacionando-se com o meio social compromete toda a sociedade, e ao mesmo tempo é contaminado por ela. Um dos instrumentos utilizados na nossa sociedade pela peste emocional é a fofoca, a difamação. O ser humano acometido por esta doença tenta descontar nos outros a sua própria infelicidade. De acordo com Volpi (2002), na questão do ensino não é o aluno que não aprende, mas sim o professor que não sabe ensinar e justifica assim seus métodos autoritários e encontra argumentos superficiais para apoiar sua convicção que age pelo bem da criança. Nos círculos sociais é bem aceito aquele que tem melhores condições financeiras, não se dando importância pela procedência do patrimônio. As relações são sustentadas pelo medo da falta, de um corpo que se contraiu para se defender.

Para Reich nós exigimos felicidade, mas a segurança é mais importante, ainda que custe a dignidade ou a própria vida. Temos medo de ousar, de crer em nossas próprias forças e intuição, temos medo de sermos criativos, e de nos doarmos. Finalizava, só sabemos sorver e apanhar, porque a atividade básica de nossos corpos é a retenção e o despeito.

Reich dizia que a nossa permanente avidez só tem um significado, que somos continuamente forçados a encher-mos de dinheiro, de satisfações, de



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AFONSO, Rubens. **Escuta, Zé ninguém!** e o poder do amor. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2005. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

conhecimento, porque nós nos sentimos vazios, esfomeados, infelizes, ignorantes e tememos a sabedoria, Dizia que é porisso que fugimos da verdade, porque ela poderia nas fazer amar.

Nos relacionamentos entre casais, cada vez mais certificamos o medo de amar no constante “ficar”. Cada vez trocamos mais de parceiros e amamos cada vez menos.

E o fato de ser bem sucedido economicamente não dá a condição para a felicidade, haja vista os próprios ídolos atuais, por mais lindos e ricos que sejam não conseguem ser felizes com ninguém, estão sempre sós, e procuram preencher a solidão cada vez com um amor novo, e proclamam a liberdade. Nossos canais de televisão discutem o amor livre. Que liberdade é essa de amar que nunca consegue preencher o vazio existente? Que amor é este de posse? que amor é este sem compromisso? O amar bem, exige responsabilidade, exige o cuidar, é como uma flor, o cuidado tem que ser diário.

O convite é para que todos nós pensemos o quanto todos os meios de controle querem fazer de nós um Zé Ninguém: a cada cena de novela, a cada produto oferecido que nos leva a pensar que se não conseguirmos tê-lo não seremos aceito no grupo, a cada promessa feita em campanha eleitoral, a cada proposta de nos tornar celebridade.

Também podemos fazer um outro questionamento, para entender melhor a questão: Porque Reich desprezava tanto este cidadão que ele denominou de Zé Ninguém?. Percorrendo sua obra podemos perceber que ele sempre se preocupou com todos os tipos de patologia que poderia atingir a humanidade e dedicou toda a sua vida para fazer com que o ser humano pudesse ter liberdade e viver melhor, porque então esta posição com relação a este tipo especial de ser humano?

Verificando o cidadão comum de hoje, por exemplo, um político, cidadão acima de qualquer suspeita que chega no poder e esquece suas origens, perdendo seus princípios, saindo da condição de explorado para explorador, e na prática acaba sendo ainda mais cruel que o explorador que não saiu de uma classe social menos favorecida. Ou mesmo o novo rico, o emergente que não suporta o pobre, porque ele o faz lembrar de toda sua história de sofrimento e abandono, tratando-o com humilhação e sordidez.

No outro extremo temos aquele cidadão que não toma as rédeas da sua vida, deixando se conduzir, por dogmas que trazem verdades que ele não questiona, ou por uma educação repressora ou permissiva, que ele não contestou e não procura saber o porque, simplesmente segue um ritual de vida, vivendo por viver.

A denúncia de Reich tem um tom carregado de muito amargor. Ele nos provoca a sair desta condição, porque sofreu na pele as ações do Zé ninguém, foi perseguido, vítima da peste emocional, abandonado e traído por muitos de seus seguidores, porém nunca desistiu, porque amava intensamente seu trabalho e a humanidade. Deixou registrado sua passagem por esta vida, e vai nos impressionar sempre, a cada constatação de que seus estudos a cada ano que passa se torna mais atual e necessário para a humanidade.

O Zé Ninguém que está dentro de nós tem que questionar todas essas questões e tomar conta de sua própria vida, procurando um caminho, que será com certeza desafiador a cada momento, porém prazeroso porque como Reich, poderemos traçar a nossa história e escrevê-la no livro da vida.

Agora como fazer isso? Eu diria, confiando e acima de tudo amando tudo o que fizer.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AFONSO, Rubens. **Escuta, Zé ninguém!** e o poder do amor. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2005. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Quando nós nos dispomos amar de verdade, temos mais condições de vencer nossas dificuldades, nossas resistências, nossa mediocridade. Começamos a ver o outro e a sentir as suas necessidades. Exercitamos a gentileza, que é antecipar uma ação para atender o outro. Dividimos a nossa vida, o nosso espaço, e quando isso não acontece o vazio é inevitável, nos indicando que estamos coxeando em nosso caminhar. O homem público que ama não explora seu povo, se afiniza com ele, respeitando-o, não se deixa levar pelo poder, que é uma força oposta ao amor.

Todo bom terapeuta sabe que qualquer tratamento para se ter bons resultados é preciso que antes de mais nada o paciente esteja pronto, disposto e tenha confiança. Penso que o ser humano quando se dispõe a amar atinge todas essas condições, e já consegue vislumbrar uma vida melhor.

Em alguns livros de Reich vem uma frase contundente e que se nós prestarmos atenção, talvez possamos entender o que ele queria dizer:

Amor, trabalho e sabedoria são as fontes de nossa vida . Deviam também governá-la: em alguns ele coloca conhecimento ao invés de sabedoria.

Trabalho e sabedoria (ou conhecimento) ele demonstrou sua vida inteira, produziu durante todo o tempo que esteve vivo, até nas últimas horas de vida, quando se encontrava em cárcere, preso pelo medo que homem tem de ser livre. Como deixar livre alguém que postulava liberdade e igualdade para o povo, que não tinha medo de expressar o que sentia, que desafiava as leis que ferem a liberdade de expressão e de sentimento, alguém que falava do amor livre, dizendo que o déspota não poderia entender este amor, porque não podia senti-lo, porisso tem ódio de quem se dispõe a trilhar este caminho.

O homens do poder tinham que calar esta voz. Como libertar o povo se é nesta condição que eles tem o poder? Os estudos de Reich mudaram toda uma forma e entendimento do trabalho terapêutico até nos dias de hoje. Muitas abordagens da Psicologia usam da suas descobertas em suas práticas, sem que os seus criadores jamais mencionassem Reich. A própria Psicanálise nos dias de hoje, se apropriou de alguns de seus conceitos, por exemplo, sair de uma escuta atrás do paciente e encará-lo de frente, observando inclusive suas expressões e comportamento.

E o amor? Apesar da frase começar com amor ele não falou demoradamente sobre o tema, pelo menos não de uma forma direta, porém sua teoria se fundamenta em libertar o corpo e a mente, criar condições para que o organismo possa se expressar livremente. Esta é uma grande declaração de amor do corpo para a natureza, e que deve nortear nossos princípios de entender a vida do ser humano. Assim devemos entender a vida na pulsação da natureza para o indivíduo e não ao contrário. Porque o princípio de tudo é a natureza. O indivíduo faz parte dela, é fruto do seu amor declarado a humanidade. Percebemos que quanto mais o homem se afasta dos elementos da natureza, menos pulsação de vida ele tem. Nós basicamente precisamos de respiração, hidratação e nutrição para manter nosso corpo vivo, e isso nós só podemos adquirir através do contato com os elementos da natureza. Por isso quanto mais destruímos a natureza, mais destruímos a vida no grande organismo planetário e também a vida no nosso organismo.

A profunda declaração de amor do indivíduo à natureza a mantém viva. No indivíduo, o amor é a emoção que satisfaz. É a ligação vital com uma fonte de vida e alegria.

A perda do amor leva o organismo a se retrair a um sofrimento intenso, o coração se contrai. A perda do amor sempre causa uma dor emocional intensa. O



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AFONSO, Rubens. **Escuta, Zé ninguém!** e o poder do amor. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2005. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

indivíduo encoraçado com medo, inveja, ódio, encontra grandes obstáculos para se entregar ao amor.

De acordo com Volpi:

O comportamento é sempre uma manifestação muscular: como uma pessoa fala, como gesticula, como caminha, etc. Isto significa que o caráter está ligado ao corpo, ligado a uma função muscular do corpo. Reich se perguntou como seria este caráter se não houvesse distúrbios nem perturbações e por isso, que tipo de caráter o homem deveria ter. A conclusão foi que o homem deveria ter um caráter denominado genital. Ter um caráter genital significa ter a possibilidade de potência orgástica, isto é, ser capaz de no momento mais prazeroso do ato de amor, abandonar-se completamente, morrer no outro e perder por um momento o contato consigo mesmo para se sentir parte da natureza, do cosmos (VOLPI, 2003, p. 13).

E conclui que ter potência orgástica é poder se entregar no dia a dia sem restrições a toda possibilidade de prazer que a vida nos oferece. Fica claro que Reich e Volpi não falaram de amor simplesmente na relação entre homem e mulher e nem que esta energia era só sexual.

Assim podemos entender todo o processo das couraças como uma grande dificuldade de amar, porque o amor é uma qualidade de ser, é uma questão de estar aberto para se expressar e para acolher, e isto implica estar em contato com os próprios sentimentos. O indivíduo que não pode compreender seus próprios sentimentos tem uma dificuldade muito grande de amar e de se entregar.

Vejam quando Reich fala sobre o encoraçamento do organismo e a influência na capacidade de amar:

O organismo encoraçado se distingue do organismo não encoraçado essencialmente por uma barreira rígida que se interpõe entre seu núcleo biológico, fonte de todos os impulsos naturais, e o mundo no qual vive e age. Como resultado, todos os impulsos naturais e mais especificamente o impulso de amor ficam bloqueados. (REICH, 1974, p. 41).

Ele explicava que o organismo encoraçado mantém seus impulsos, mas eles não conseguem eclodir livremente, que todo impulso natural tem que se expressar, e nesta desesperada tentativa, o impulso é obrigado a atravessar ou perfurar a barreira da couraça, e só consegue atravessá-la usando de violência. Assim, qualquer que seja a natureza do impulso se transforma em raiva destrutiva. É desta forma que o elemento essencial do processo é a transformação de todos os impulsos de amor em raiva destrutiva ao passar pela couraça.

Assim podemos entender que a dimensão que damos ao amor depende da existência e da intensidade da nossa couraça, e mesmo o organismo encoraçado não perde a capacidade de amar. Ele poderá ser um amor mesquinho, comedido, racionalizado, mas a medida que se for desbloqueando as couraças, e que se for tomando consciência das dificuldades e superando-as, o ser humano pode ter melhor qualidade de amor e de vida.

Reich propunha com o seu trabalho que o organismo pudesse se expressar livremente, ele acreditava que era possível, a medida que se fosse desenvolvendo um trabalho, que as couraças fossem se amenizando, consecutivamente melhorando também nossa qualidade de amar.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AFONSO, Rubens. **Escuta, Zé ninguém!** e o poder do amor. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2005. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Reich acreditava na capacidade de auto-regulação do organismo, acreditava ainda que havia uma força intrínseca em cada indivíduo impulsionando-o para o bem estar quando o mesmo levava uma vida natural e saudável, e que as energias vitais regulam-se naturalmente quando livres de obrigações morais. Eu acredito que esta condição acontece quando o indivíduo está amando, não só o amor direcionado a uma pessoa, mais a própria natureza criadora da vida.

Pensando assim o amor liberta, deixando livre o fluxo natural das energias.

A capacidade de auto regulação que Reich postulou tem um princípio básico, o ser humano tem que acreditar na sua capacidade, no seu potencial, no seu poder realizador. É o que as religiões pregam como, ter fé. A diferença é que para Reich, cada ser humano tinha esse poder e não tinham que se sujeitar a leis de nenhum clero. O problema é que cada religião quer ser a detentora deste poder, sujeitando o indivíduo as suas leis e querendo mostrar um caminho, cobrando um “pedágio” muito caro.

Roberto Crema em sua grande obra *Análise Transacional centrada na pessoa...e mais além* sustenta que seu livro é uma declaração de fé na pessoa, e baseado na citação de Berne, que postulava que as pessoas nascem OK, fala de uma forma maravilhosa sobre o ser humano:

Este pressuposto significa confiar na natureza humana, acreditando na sua vocação para a saúde, no seu instinto para a Luz. Assim como a planta tem um tropismo para crescer e, com suas raízes, buscar a água, e, com seu caule, dirigir-se ao sol, assim também o ser humano possui a tendência ao autodesenvolvimento, auto-regulação e auto-realização. Significa acreditar, como Jung, que a nossa tendência intrínseca para a saúde psicológica é comparável à capacidade inerente ao organismo de cicatrizar feridas ou recuperar doenças. (CREMA,1984, p. 35).

Apesar do autor fazer uma reparação sobre o nascer OK de Berne, através das suas palavras, fica bem claro sua confiança no ser humano. Crema demonstra confiar também no poder da cura:

De acordo com Crema (1984, p.38). “Curar-se, portanto, é voltar para a casa; é redescobrir-se e reidentificar-se com a essência não corrompida: paradoxalmente, é passar a ser o que se é”. Assim, o que se é, para Crema, é ser saudável, para ele o ser humano na sua essência é saudável.

Porém Crema (1984, p.39) admoesta: “ninguém cura ninguém e ninguém se cura sozinho; as pessoas se curam no encontro. Apenas na alquimia do encontro ocorre a transformação”.

Crema explica o que ele entende por fé:

Primeiro, vejamos o que ela não é. A fé não é uma crença intelectual, consciente; não é conhecimento ou teoria. A fé é uma convicção visceral, profunda, completa em si mesma. A fé é sentida, internamente, não “ex-plicada”, e aí reside o seu poder de sustentação e energização. Não pode ser aprendida; apenas pode ser experienciada no estômago, nas vísceras, no ser. (CREMA, 1984, p.41).

E para que não haja antagonismo entre a fé e a ciência, invoca o grande homem da ciência: Segundo Albert Einstein apud Crema (1984), a ciência sem a religião é manca; a religião sem a ciência é cega. “(...) sem a convicção de uma



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AFONSO, Rubens. **Escuta, Zé ninguém!** e o poder do amor. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2005. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

harmonia íntima do Universo, não poderia haver ciência. Esta convicção (fé) é e continuará a ser a base de toda criação científica. Em toda a extensão de nossos esforços, nas lutas dramáticas entre as velhas e as novas concepções, entrevemos a ânsia eterna de compreensão, a intuição inabalável da harmonia universal, que se robustece na própria multiplicidade dos obstáculos que se oferecem ao nosso entendimento.

Faz-se necessário ressaltar que a (fé) que estamos falando não é propriedade de nenhuma seita, ou seja, doutrina ou um sistema, ou de qualquer convicção religiosa, nem mesmo do religioso que é aquele que fez votos monásticos, que é relativo a monge, frade ou religiosos de mosteiro. Nenhuma instituição detém este poder .

Nas afirmações que conferimos dos ilustres autores podemos nos certificar que a fé é própria do ser humano e somente ele pode fazê-la se manifestar. Todos os outros meios são tão somente caminhos que o ser humano deve ter liberdade para escolher.

Outra certeza é que a fé existe e que ela tem o poder de cura, e o amor o poder transformador. Assim o Zé Ninguém tão bem relatado por Reich, encontra na fé e no amor condições de sair desta prisão para uma vida saudável e com liberdade.

Já é tempo de unirmos a espiritualidade (fé) com a ciência em busca de encontrarmos a paz e a harmonia no viver.

Já é tempo ainda de confiar, inclusive que é possível a cura, porque se nós não confiarmos como podemos passar essa verdade para as pessoas que nos procuram em busca de auxílio.

A fé tem o poder de cura e o amor tem o poder transformador. Talvez seja isso que Reich queria que o Zé Ninguém escutasse, pois a sua mensagem termina com ele falando que descobriu as leis da vida e que depositava em nossas mãos como instrumento a nos orientar para que a nossa existência tenha sentido. Eu acredito com convicção que a nossa existência só tem sentido se amarmos com as forças de nossa alma.

E para isso temos que mudar o nosso olhar:

Como diz Crema:

Mudar o mundo, é mudar o olhar. Do olhar que estreita e subtrai, para o olhar que amplia e engrandece. Do olhar que julga e condena, para o olhar que compreende e perdoa. Do olhar que teme e se esquiva, para o olhar que confia e atreve. Do olhar que separa e exclui, para o olhar que acolhe e religa.

Todos os olhares num só olhar. (...) O olhar de quem nasce, o olhar de quem passa, o olhar de quem parte. Olhares da existência no olhar da Essência.

(...) dançar de Ser no olhar do Amor. Dançar e brincar de olhar.

(...) Mudar o mundo é mudar o olhar. É alto olhar, altar do olhar. É ousar viver, é viver no ousar. É amar viver, é viver para amar. Só então partir, para o grande olhar.

Todos os olhares, num só olhar. Num mesmo olhar. Supremo Olhar. Olhar. (CREMA,2002, p.301/302).

Só quando estabelecemos uma outra forma de olhar a vida, desta vez confiando no poder realizador que temos, confiando no amor que somos, expressão maior da existência, poderemos reconstruir a nossa vida. E ao mesmo tempo saber que o que eu não aceito, o que me incomoda no outro, tem muito mais de “coisas” que



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

AFONSO, Rubens. **Escuta, Zé ninguém!** e o poder do amor. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2005. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

eu não aceito em mim, do que propriamente de negativo no comportamento e ação do outro. Mudar o olhar é focar acima de tudo nós mesmos e vermos as nossas limitações, e projetarmos um outro olhar, desta vez com mansidão e acolhimento para a necessidade do outro. Só assim é possível estabelecer um vínculo sincero de troca.

O desabafo de Reich mostra que nós estamos em completa demolição. A boa notícia é que temos as ferramentas necessárias para a reconstrução, como bem nos mostrou Reich e agora Roberto Crema introduzindo uma nova forma de abordagem que chamou de transdisciplinaridade, que propõe a complementariedade e convergência entre a ciência moderna e a tradição sapiencial. Unindo ciência e a espiritualidade, numa forma onde é possível acreditar no Ser que somos, e saber acima de tudo que temos a capacidade deste novo empreendimento, a partir do momento que buscarmos entender o mundo através do conhecimento da nossa natureza, ou de nosso caráter como bem demonstrou Reich em seus estudos. Assim reconectarmos com a nossa dimensão amorosa.

## REFERENCIAS

REICH, Wilhelm. **Escuta, Zé Ninguém**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

REICH, Wilhelm. **Etere, Dio e Diavolo**. Milano: SugarCo Edizioni, 1974.

WEIL, Pierre, YVES, Jean Leloup, CREMA, Roberto. **Normose: A patologia da normalidade**. Campinas: Verus Editora, 2003.

CREMA, Roberto. **Análise Transaccional Centrada na pessoa... e mais além**. - 2º ed. São Paulo: Ágora, 1985.

CREMA, Roberto. **Antigos e novos terapeutas: abordagem transdisciplinar em terapia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Reich: da vegetoterapia à descoberta da energia orgone**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

VOLPI, José Henrique. A peste emocional que nos rodeia. **Revista Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, fevereiro/março/abril, 2002.

## AUTOR

**Rubens Afonso/SP** - é Psicólogo Clínico, Training Formação em Massagens Bioenergéticas, Professor de Capoeira desde 1975, Presidente da Sociedade de Psicologia de Presidente, cursando Especialização em Psicologia Corporal, no Centro Reichiano em Curitiba/PR.

**E-mail:** [rubensafonso@stetnet.com.br](mailto:rubensafonso@stetnet.com.br)